

Revista Piauí – Agosto 2006

piuí será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide..., deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. **piuí** partirá sempre da vida concreta.

A revista será mensal e terá um tamanho maior que o habitual. A periodicidade de quatro semanas permitirá que ela aprofunde os assuntos, em vez de resumi-los.

E também que o acabamento, tanto na escrita como na apresentação gráfica, seja caprichado. O formato grande fará com que se encontre bastante coisa para ler e ver em **piuí**. Para que ela dure um mês na mão dos leitores. Para que as reportagens e narrativas terminem quando o assunto terminar, em vez de serem espremidas porque o espaço acabou. O tamanho maior favorecerá a inventividade, possibilitará a publicação de imagens reveladoras sem perda de nuances e detalhes.

piuí não perderá de vista os temas atuais, mas não terá pressa em chegar primeiro às últimas notícias. Levará em conta, sempre, que a informação vem antes do comentário, que os fatos são mais importantes que as opiniões. Apurará com rigor e escreverá com clareza. Fugirá dos clichês e envidará todos os esforços para evitar expressões como “envidar todos os esforços”. Não terá restrições temáticas, políticas ou ideológicas. Preferirá a serenidade ao histrionismo. Cobrirá qualquer assunto que uma reportagem possa tornar interessante. Vale tudo: esporte, medicina, política, cultura, religião, urbanismo, televisão, turismo etc. Só não valem reportagens sobre celebridades instantâneas e déficit público.

Tentará explicar o que teima em ser obscuro (com uma só exceção: a razão de **piuí** se chamar **piuí**, até porque não sabemos direito). Mostrará o enredo do que parecia desconexo e fragmentário. Fugirá do academicismo, da vulgaridade e do beletismo. Tanto que, desde já, está proibido o uso das expressões “governança corporativa”, “tá ligado?”, “home theater”, “recursos não-contabilizados”, “Roberto Justus” e “galera”, a não ser como sobrenome. Ela dará importância ao que, por ignorado, é tido como insignificante. Tratará de achar novidades no que, por esquecido, parece velho ou ultrapassado. A revista não será ranzinza nem chata. Sisudez não é sinônimo de seriedade. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. **piuí** terá humor, graça.

Para dar conta de situações que estão além do poder da narrativa jornalística, **piuí** publicará ficção. Na forma de contos, trechos de romances e histórias em quadrinhos. E também poemas.

Jornalistas, escritores, artistas gráficos, ensaístas, críticos e humoristas de todas as idades buscarão expressar em **piuí** diferentes aspectos da vida nacional. A matéria-prima da revista será a bagunça brasileira. Ela terá como pano de fundo um período histórico de perplexidade geral. Numa situação como essa, é melhor ser curioso, e ir atrás do real, do que prescrever receitas infalíveis de salvação. Um pouco de dúvida e ceticismo não faz mal a ninguém – e a nenhuma revista. **piuí** não tem resposta para nada. Nem para quem pergunta por que ela se chama **piuí**.

piuí veio para ficar. Essa é a aposta.